

## Testemunhos

### Jornalismo Regional e a COVID-19: O Caso do *Alto Alentejo*<sup>1</sup>

Tiago Miguel Silva

Ser jornalista num meio regional não é, por si, tarefa fácil em tempos ditos normais e muito menos em épocas opcionais. Se a proximidade que nos caracteriza e em muito ajuda no trabalho diário também pode ser um entrave em situações mais delicadas.

Tendo vivido e experienciado, sempre a exercer as minhas funções jornalísticas, a pandemia de COVID-19, confrontei-me com vários problemas, mas também sublinho a força e perseverança de toda uma equipa, neste caso a do jornal, que continuou o seu trabalho de informar, sensibilizar e explicar às pessoas do distrito o que se estava a passar e qual o impacto da pandemia nas suas terras. Neste campo, tenho de frisar que, ao contrário de muitas outras publicações, no jornal *Alto Alentejo* mantivemos a nossa publicação semana (em papel), bem como a edição online, sem nunca reduzir o número de páginas, o que poderia ser mais fácil.

Obviamente que a pandemia e a consequente declaração do Estado de Emergência vieram alterar aquilo que eram as rotinas de um jornal muito virado para as pessoas e agenda estava muito dependente da agenda, que a partir do decreto ficou completamente limpa. Tivemos, por isso, de adaptar o nosso trabalho àquilo que eram as circunstâncias e optámos por uma forma lúdica e de sensibilização, com conteúdos de opinião e matérias sobre regras e normas. Paralelamente, e sem perder aquele que é o nosso objectivo principal, tentámos informar as pessoas da situação pandémica, o que de início foi desastroso. E foi desastroso porque a comunicação das entidades oficiais falhou em toda a linha. Obviamente que ninguém está preparado para uma situação como a que vivemos, mas também ninguém se lembrou que naqueles tempos, mais do que nunca, a comunicação clara e eficaz era importante para as pessoas e para o trabalho jornalístico, pelo menos aquele que se pauta pela verdade e pela honestidade.

Ora, numa primeira fase apenas tínhamos acesso ao famoso boletim da Direcção-Geral de Saúde, que apenas divulgava número totais nacionais, sendo que esta mesma entidade, numa primeira fase, se recusava a dar números por concelhos, justificando que não queria pôr em causa as pessoas infectadas. Numa segunda fase, o boletim da DGS, de forma semanal, começou a incluir a listagem de todos os concelhos com casos activos.

Com esta vaga forma de comunicar, tornou-se complicado informar as pessoas sobre a situação no distrito. Estivemos, pois, entre Março e Novembro, completamente às escuras, não havendo qualquer informação da ULSNA e sendo que o próprio Gabinete de Comunicação da ULSNA se recusava a confirmar a existência de casos. Importa assim

---

<sup>1</sup> Este testemunho não foi escrito segundo o acordo ortográfico.

referir que apenas em Novembro de 2020, mais propriamente no dia 4, foi publicado o primeiro boletim com informações sobre os números da pandemia no distrito de Portalegre, isto quando já outras unidades de saúde de outras regiões faziam essa comunicação.

Apesar da falta de informação do órgão competente nesta matéria, nomeadamente a ULSNA, fazendo lembrar outros tempos em que os jornalistas eram mal vistos por simplesmente questionarem, conseguimos fazer o nosso trabalho recorrendo às informações detidas pelos presidentes de Câmara.

Importa referir que / a falta de informação criou um sentimento de dúvida e ansiedade nas pessoas, o que obrigou as Câmaras Municipais dos 15 concelhos do distrito a criarem boletins diários sobre situação epidemiológica nos seus respectivos / municípios, por forma a colmatar as falhas de comunicação originados por outros.

Isto obrigou a que estivéssemos em contacto permanente com os presidentes de Câmara, o que aconteceu durante meses, no sentido de poder dar às pessoas as informações que tanto aguardavam.

Já mais recentemente, os problemas continuaram, com Câmaras e ULSNA a publicarem diariamente número com várias discrepâncias. Embora tenhamos tentado explicar estes números não coincidentes, não fomos bem sucedidos, porque ninguém quis ser o “portador das más notícias”

Se coisas houve que correram mal, também houve aspectos positivos e aqui tenho de sublinhar o papel dos presidentes de Câmara, Bombeiros, presidentes de instituições que sempre se mostraram disponíveis para prestarem as devidas informações, principalmente na altura em que muitos surtos foram detectados. Tudo isto se deveu à proximidade que temos com todos e cada um.

Página | 80

Contudo, toda as falhas de comunicação levaram a que as pessoas começassem a duvidar das notícias divulgadas por órgãos de comunicação fidedignos e gerando desinformação nas redes sociais, o que foi muito difícil de combater nestes tempos.

Tudo isto levou que puxássemos pela imaginação no sentido de dar a conhecer o que estava a passar, as dificuldades que muitos sectores passaram e também exemplos de solidariedade vindos da população.

Hoje, já com alguma distância e sem falsas modéstias, considero que fizemos um trabalho primoroso, sem cair em sensacionalismos e reportando-nos apenas aos factos, apesar de todos os constrangimentos sentidos.

#### **Notas sobre o autor:**

**Tiago Miguel Silva**

[altoalentejo.tiago@gmail.com](mailto:altoalentejo.tiago@gmail.com)

Jornalista do Alto Alentejo, licenciado em Jornalismo e Comunicação  
pela ESECS